

.:Editorial

Iniciamos 2024 com a quinta edição do Boletim Conect-a, que percorrerá produções de colegas a partir dos efeitos causados no lançamento ao trabalho no Instituto este ano. O ensino e a pesquisa nos servem como eixo central para as leituras a seguir, cujo calçamento epistemológico se dá por meio da transmissão da psicanálise no CLIN-a.

Teresinha N. M. Prado, associada ao CLIN-a e coordenadora dos seminários de pesquisa, traz notícias acerca da reformulação do ensino no Instituto desde 2021. Uma atualização na transmissão da psicanálise que aposta na investigação e formação do analista!

Fernanda Carvalho, associada ao instituto, com seu texto “Sintoma e fantasma”, traz as ressonâncias da aula inaugural de Maria Cecília Galletti Ferretti, que aconteceu em Março deste mesmo ano. O ponto de partida é a recente publicação em francês do Seminário XIV - A lógica do fantasma, de Jacques Lacan.

Nesta seção encontraremos o efeito da articulação entre dois conceitos norteadores para a investigação do estatuto do objeto a na clínica, a saber: sintoma e fantasma. A leitura nos conduz a um percurso de investigação destas duas dimensões clínicas e sua relação, retomando a lógica do axioma proposta por Miller¹.

Janaina de Paula Costa Veríssimo, também associada ao CLIN-a, faz uma brilhante interpretação com seu texto “Anatomia de uma queda”, cujo título leva o mesmo nome do filme ou, podemos dizer, da ficção dirigida por Justine Triet. Nela repousa o enigma da verdade. Entretanto, como afirma Miller, uma verdade variável, sob o neologismo varidade [varité] e de ficção como “uma fabricação, que é da ordem da poiesis, da produção, do fazer. Uma ficção é uma produção que traz a marca do semblante”².

Na seção Radar, sugestões e leituras que nos colocam em um trabalho de pesquisa.



“Rapunzel”, 2016. Flavia Bertinato.

1 Miller, J-A (1987). Duas dimensões clínicas: sintoma e fantasia. In: O percurso de Lacan: uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

2 Miller, J.-A. Perspectivas dos escritos e outros escritos de Lacan. RJ: Zahar, 2011. p. 106

Marcella Pereira de Oliveira nos presenteia de forma poética com a indicação de leitura da novela “A cachorra”, de Pilar Quintana. Por sua vez, Andressa Luz traz o corpo para o debate com a sugestão do filme Pobres Criaturas, do diretor Yorgos Lanthimos.

Com este boletim, relançamos a aposta na causa e no laço, desde seu lançamento em 2023. Um convite para Conect-armos!

Boa leitura!

Francisco Durante

.: Pílulas do Instituto

Seminários de pesquisa: funções e funcionamento no ensino do Instituto

Resgatando um pouco da história recente

Os seminários de pesquisa foram criados durante a reformulação do ensino do CLIN-a, e foram concebidos como uma etapa a se somar ao modelo de tutoria que funcionava antes da pandemia. Na reformulação, com a pluralização das possibilidades de inserção nos cursos e disciplinas, os alunos passaram a ter mais autonomia, podendo escolher exclusivamente as disciplinas que lhes interessarem em cada curso.. Nesse novo contexto, a lógica se inverteu, e em vez da obrigatoriedade de entregar um trabalho escrito como condição para a obtenção do certificado do curso, optou-se pela possibilidade e acompanhamento da construção da investigação de cada interessado, criando-se uma condição aos não associados, que passassem por esse acompanhamento do processo de construção do texto. Então deixou de ser obrigatório, para destinar-se a quem de fato tivesse o desejo de ingressar nessa empreitada da escrita, e passou a ser uma condição, no caso dos alunos, para o envio do texto para a jornada e outros destinos dentro do CLIN-a.

Por quê?

É fato que escrever um texto teórico ou clínico é encarado com dificuldade por muitos, sobretudo quando se trata de expor uma elaboração pessoal do que se pôde construir ao longo do ano, ou do que a participação nas aulas provocou em termos de reflexão. A tarefa da escrita já é considerada árdua, sobretudo quando associada a algum tipo de obrigatoriedade, pelo modo como o discurso universitário articula (e controla) o saber. Diante da exigência da entrega do texto (no instituto, que é um local onde se dá a exposição de saber, embora não seja regido pelo discurso universitário), duas



Imagem: instagram art.upon.contemporary by Pawel Grunet

respostas complicadas a essa convocação por vezes ocorriam, para além do desinteresse e desistência (que não seriam detectáveis nos textos, evidentemente, visto que esses casos não chegariam à elaboração de um texto):

- um excesso de exigência, impossibilitando o contato com o tutor, culminando no cumprimento da tarefa (a entrega do texto) sem passar por nenhum tipo de interlocução ao longo de sua elaboração, efeito contrário ao que a proposta de tutoria visava a produzir;

- a entrega de anotações superficiais, ou fichamentos de textos ou resumo de aulas, sem uma elaboração pessoal sobre o que apresentava, exclusivamente para atender ao critério da obrigatoriedade, sem nenhuma implicação.

A escrita em psicanálise não é como em outras disciplinas, tampouco se confunde com a escrita literária; mas quando se trata de trabalhar um texto (seja pela leitura, seja pela elaboração escrita), temos que lidar com elementos que nos vêm de outros campos. Se observarmos na obra de Lacan, muitos desses elementos vêm da linguística e da literatura (vide o estilo adotado por ele nos seus escritos ou mesmo ao ditar os últimos Seminários – destaque especial para o Seminário 23, em que ele adota o mesmo recurso utilizado por Joyce, equivocando palavras não por seu significado, mas pela contiguidade sonora, permitindo alcançar efeitos inabordáveis por um estudo meramente semântico). Alguns autores também leram e dialogaram com Lacan (por exemplo, Roland Barthes), e isto produziu efeitos no seu estilo, na sua escrita.

Ao escrever nos confrontamos com um ponto de impossível, aquilo que não cabe nas palavras, mas a que elas aludem, e que a apresentação de um texto como requisito para a conclusão de um curso é um modo de apresentar ao Outro o produto das elaborações realizadas ao longo de um período. Como fica para cada um o confronto com o drama da página em branco?

Como?

A proposta dos seminários de pesquisa foi justamente de apostar na possibilidade de transmitir e compartilhar a especificidade da escrita em psicanálise, tomando-a como um elemento que também faz parte da formação do analista. Trata-se de um espaço que acompanha a construção de uma investigação desde os seus primeiros passos: a tarefa inicial de circunscrever uma questão, isolar um ponto, fazer uma pergunta. O passo seguinte inclui a seleção das fontes de referência, eventualmente a discussão

de um texto a ser realizada na situação de interação com os outros participantes, depois a construção de um primeiro esboço, a ser compartilhado no momento em que o investigador se permita fazê-lo. Nessa etapa, a interlocução dos outros integrantes é fundamental para o andamento do processo, pois essa situação forja a de uma apresentação de um texto em um evento, mas em escala muito reduzida, de modo a permitir também essa experiência, que para muitos é intimidadora.

Deste modo, a cada encontro dos seminários de pesquisa os 'participantes' levam para o grupo a evolução do que produziram no período, em torno da questão escolhida, para que o tema seja debatido e novas referências bibliográficas possam ser sugeridas, bem como seu objeto de estudo possa ser melhor circunscrito a partir da transmissão de seus propósitos. Esse compartilhamento é feito mediante agendamento prévio e envio de texto a ser lido pelos demais.

Não havendo texto para apresentação pelos participantes, o docente/coordenador ou outro integrante do grupo tem a liberdade de propor referências que contribuirão para a discussão acerca da especificidade da investigação em psicanálise ou de algum tema em curso no semestre.

Os trabalhos acompanhados nos Seminários de pesquisa, após sua conclusão e passados pela etapa em que passarão por um leitor (que realiza a tarefa que até 2019 era destinada ao tutor) poderão ser indicados para apresentação na próxima Jornada de ensino e pesquisa, ou receber parecer/recomendação para publicação em algum meio de divulgação do CLIN-a (*Entrevários*, blog, ou, eventualmente, alguma coletânea reunida em um livro ou brochura, que porventura venha a ser produzida em algum momento).

Estamos agora no terceiro ano de Seminários de pesquisa, quinto semestre de trabalho e alguns frutos já foram colhidos: vários trabalhos apresentados em eventos, algumas publicações em curso e alguns seguimentos de investigações.

A estrutura de funcionamento, que lembra a de um cartel pela mobilidade dos papéis de seus integrantes, ao mesmo tempo se distancia dele pelo fato de seus integrantes, em maior número, terem em comum, não o tema, mas o interesse e o propósito de desenvolver uma investigação ao longo do ano, podendo compartilhar os tropeços e progressos dessa empreitada.

:: Ressonâncias

Ressonâncias da aula inaugural do CLIN-a

Sintoma e fantasma

No dia primeiro de março tivemos a aula inaugural do Ensino no CLIN-a. Foi uma noite calorosa onde estavam presentes alunos e associados! A convidada Maria Cecília Galletti Ferretti, AME da EBP/AMP, nos presenteou com uma apresentação¹, cujo tema abordado, vai ao encontro do recém lançado seminário estabelecido por Miller, o Seminário 14: a lógica do fantasma².

Logo no início Cecília coloca que vai trabalhar duas dimensões, ou seja, dois aspectos da clínica, a saber, sintoma e fantasia. Ela acentua que existem inúmeros outros conceitos na clínica como manejo da transferência, interpretação, direção do tratamento etc., mas que aqui serão tratadas essas duas dimensões.

Entendo que a temática da fantasia, neste momento, é uma espécie de norteador dos trabalhos de pesquisa realizados no instituto, por isso me perguntei por que a escolha de articulá-la com o sintoma? Acredito que seja porque essa é uma articulação fundamentalmente clínica.

Pois bem, é Miller³ quem propõe uma divisão clínica entre sintoma e fantasia, primeiramente relacionando-os com a oposição entre significante e objeto. Dessa forma, enquanto o sintoma estaria articulado com o significante na entrada em análise, a fantasia estaria relacionada ao objeto, sendo ela o que está em jogo no fim da análise.

Dizemos que o sintoma está relacionado à demanda inicial, uma vez que o analisando, se queixa de seus sintomas. Se considerarmos apenas a dimensão do sintoma, cairemos no engodo das psicoterapias, na busca por uma cura. Não é que introduzindo a dimensão da fantasia, Lacan tenha proposto uma cura para a fantasia fundamental, não se trata disso. Mas espera-se

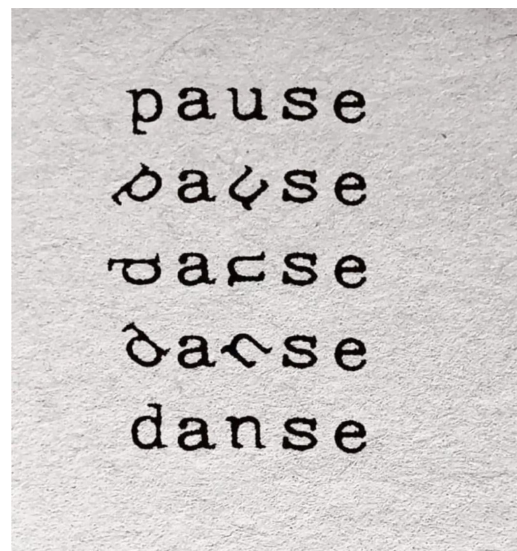


Imagem: instagram notre.arte

1 O título da aula foi Sintoma e fantasia: duas dimensões clínicas.

2 Ainda inédito em português.

3 Miller, J-A (1987). Duas dimensões clínicas: sintoma e fantasia. In: O percurso de Lacan: uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

que no fim de análise o sujeito seja capaz de questionar o que está por trás dela, o que será que ela encobre.

É importante dizer que da fantasia, o sujeito não se queixa, pois, como indica Cecília, “ele não pode se queixar daquilo que ele não sabe”! Esse ponto me levou a revisitar os três textos de Freud que abordam essa questão. Neles, encontramos a fantasia relacionada à dimensão do prazer, mas não sem o desprazer. Há, entretanto, algo mais-além, que entendemos com Lacan se tratar de gozo.

Em O poeta e o fantasiar⁴, Freud nos traz que o brincar da criança representa o fantasiar do adulto, e, ambos, funcionariam como substitutos da realidade. A criança brinca para obter prazer, usa a brincadeira como recurso para lidar com a angústia. “Toda fantasia individual é uma realização de desejo, uma correção da realidade insatisfatória”. Acontece que a criança, embora possa brincar sozinha, ela não esconde suas brincadeiras, já o adulto se envergonha de suas fantasias e as esconde à sete chaves.

Em “Além do princípio do prazer”⁵, Freud nos conta que o que está além do prazer é o desprazer. Observando seu neto Ernest, de um ano e oito meses, Freud percebeu que uma brincadeira se repetia. Ele jogava seu carretel preso por um fio para longe até desaparecer e puxava-o de volta, num movimento de vai e vem, o que Freud chamou de Fort-da (algo como cadê-achou). Quando a criança jogava o carretel, pronunciava “ooooo” (cadêeee) e quando puxava de volta pronunciava “da” (achou), realizando a brincadeira repetidamente com enorme disposição e satisfação. Frente a angústia por conta da ausência da mãe, a criança reproduzia essa ausência através de uma brincadeira, gerando prazer. É assim que acontece com a fantasia.

Miller faz uma leitura de que o que está além do prazer é o gozo, e a fantasia, é o que aparece pra articular gozo e prazer. Para ele, o jogo do Fort-da exemplifica bem esse lugar da fantasia de máquina de obter prazer, transformando uma situação desprazerosa em prazerosa através da fantasia. Dizendo de outra forma, “nos referimos a uma articulação significativa fantasmática que permite dominar o gozo pela via de uma relação com um objeto”⁶.

4 Freud, S (1908). O poeta e fantasiar. In: Obras incompletas de Sigmund Freud. Autêntica, p.57.

5 Freud, S (1920). Além do princípio de prazer. In: Obras incompletas de Sigmund Freud. Autêntica, 2020.

6 Miller, J-A (1987). Duas dimensões clínicas: sintoma e fantasia. In: O percurso de Lacan: uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.137.

Em *Bate-se numa criança*⁷, Freud parte de uma “representação fantasística” de mesmo nome dizendo que em sua clínica das neuroses, esse conteúdo aparece com certa frequência: o encontro com a fantasia infantil em que uma criança é espancada. Freud desdobra essa representação inicial no que ele chama de três tempos da fantasia.

Na leitura de Miller, em *Bate-se numa criança* já está presente toda a gramática da fantasia, uma vez que para ele a fantasia seria uma frase, e os tempos derivados desta frase, sua variação gramatical. Ele também diz que a fantasia é uma pequena história, uma construção que só pode ser feita em análise. Isto encontramos em Freud: “Mas eu torno a repetir que, via de regra, a fantasia permanece inconsciente e só vai ser reconstruída na análise”⁸.

Essa “história” que permanece inconsciente e vai ser construída em análise, Lacan chama de fantasia fundamental, e a frase que representa essa história seria o axioma da fantasia. Portanto, é desse axioma que derivam os sintomas.

Quando Lacan vai abordar a questão da fantasia no Seminário 5, ele aborda sua dimensão imaginária e simbólica. É introduzindo a lógica do axioma que ele pode abordar a dimensão real que envolve a fantasia, aí encontramos sua ligação com o objeto pequeno *a* e seu caráter impossível de alcançar. Em outras palavras, o sintoma é dinâmico (modificável) e faz enigma para o sujeito, demandando uma interpretação do analista. Já a fantasia é estática e “inconfessável”⁹, ela não se interpreta, embora seja instrumento de interpretação.

É isso que faz da distinção entre sintoma e fantasia essencial para a clínica e tema tão caro para investigação no instituto: ela é tanto direção do tratamento, como necessária para a formação do analista.

Fernanda Cristina Gomes de Carvalho

7 Freud, S (1919). *Bate-se numa criança*. In: *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Autêntica.

8 *Idem*, p.137.

9 Significante utilizado por Cecília quando se refere a fantasia.

Anatomia de uma queda

“(…) um amódio
é o relevo que a psicanálise
soube introduzir
para nele inscrever
a zona de sua experiência.”¹



Anatomia de uma queda

Desde 2023, quando levou a Palma de Ouro no 76º Festival de Cinema de Cannes, o longa-metragem francês, dirigido por Justine Triet, já era uma promessa para a temporada de premiações. Aclamado pelo público e pela crítica, “Anatomia de uma queda” recebeu cinco indicações ao Oscar 2024 e conquistou a estatueta na categoria “Melhor roteiro original”, co-escrito por Triet e seu marido, o também cineasta Arthur Harari.

O casal Sandra (Sandra Hüller) e Samuel (Samuel Theis) vive com o filho Daniel (Milo Machado Graner) em um chalé nos alpes franceses, o território infantil e natal de Samuel. Daniel tornou-se deficiente visual em decorrência de um acidente de trânsito, pelo qual o pai se sente responsável. Sempre acompanhado por Snoop (Messi), um border collie que interpreta magistralmente seu cão-guia, o pré-adolescente é a testemunha não-ocular dessa trama.

Se via de regra, os alpes são sinônimo de férias, pistas de esqui e diversão, em “Anatomia de uma queda” esse cenário funciona antes como uma anti-metáfora. A atuação brilhante de Sandra Hüller, que dá vida à sua personagem homônima, uma bem sucedida escritora alemã, lhe rendeu a indicação ao Oscar de “Melhor atriz”. Sua posição obstinada diante da escrita contrasta com a do personagem de Samuel Theis, um professor universitário francês, outrora investido e agalmatizado em seu ofício, por quem ela se apaixonou quando se conheceram em Londres.

Aqui, o casamento surge para além do idílio narcísico e falacioso que uniria semelhantes, revelando os desencontros e impasses de uma parceria amorosa que parece ruir, dia após dia. Em um momento inaugural do longa, Sandra recebe uma estudante interessada em seu trabalho e no caráter semi-autobiográfico de suas obras, quando Triet lança mão de uma versão

1 LACAN, J. (1972-1973/1982). O Seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, p. 122.

instrumental de “P.I.M.P.”, já conhecida na voz do rapper norte-americano 50 Cent²: sua curiosa escolha seria uma aposta, menos na misoginia destacada pela via da significação da letra da canção, e mais no ruído estrondoso e incessante que perfura a cena e *interpela*³?

A faceta ressentida de Samuel, sintetizada em sua tentativa, sempre frustrada, de também se tornar um escritor coaduna com a dedicação excessiva aos cuidados e à educação do filho – não sem a reiterada queixa por essa *via crucis* sacrificial, que o arrebatava e esgota. Enquanto Sandra, condescendente com a decisão de seguir adiante com seu projeto literário, trabalha sob quaisquer circunstâncias.

O roteiro, pautado em diálogos contundentes e muito afiados, destrincha elementos da intimidade do casal – os acordos (e desacordos) em torno da língua materna de cada um, as dificuldades financeiras, as traições, a rivalidade, a culpa, o ciúme, a sexualidade, o amor/ódio/*amódio* – que são colocados, posteriormente, a céu aberto em pleno tribunal.

“Anatomia de uma queda” demove, mesmo do espectador mais ingênuo, qualquer ideia que atribua ao filme uma noção simplista de julgamento e condenação. É, antes de mais nada, uma obra que aborda as relações nas quais, a princípio, não há espaço para uma vítima *versus* um atroz, senão, para um fio condutor que se dá a ler: o prelúdio de uma ou mais quedas.

Acidente? Assassinato? Suicídio? Diante da queda livre do corpo de Samuel sobre a neve, diversas camadas se abrem. Após uma autópsia inconclusiva, que leva Sandra ao indiciamento, o filho Daniel atravessa os processos – judicial e de luto – em busca de pistas para a construção da verdade. Se a princípio, o choro incessante, a recusa em levantar-se da cama e alimentar-se tomam a cena, o garoto, pouco a pouco, passa ao piano, onde se dedica à execução do Prelúdio Op. 28, N° 4, de Frédéric François Chopin.⁴ No desenrolar dos dias, não hesita em contribuir para uma problemática reconstituição dos fatos até chegar a uma presença marcante e decidida no julgamento.

No tribunal, na impossibilidade de cingir uma verdade factual sobre o acontecimento, a trama enlaça personagens e espectadores em momentos, os mais distintos, marcados ora

2 I don't know what you heard about me/But a bitch can't get a dollar out of me/No Cadillac, no perms, you can't see/That I'm a motherfucker P-I-M-P. Não sei o que você ouviu sobre mim/Mas vadia nenhuma tira dinheiro de mim/ Não tenho Cadillac nem permanente, ninguém vê/Que eu sou um filho da puta cafetão (tradução nossa).

3 Interpelar: dirigir-se a (alguém) com alguma pergunta ou pedido de explicação, em tom confrontativo; intimar a prestar declarações, a dar esclarecimentos, em tribunais, cortes, parlamentos etc.

4 Curiosamente, a pedido do próprio Chopin, essa peça foi tocada em seu funeral, juntamente com o Requiem de Mozart.

pela promotoria, acusando em tom agressivo e misógino a indiciada, com provas e testemunhas tendenciosas à condenação, ora pela posição terna e firme do advogado de defesa de Sandra que abre caminho para a dubiedade dos argumentos.

O ponto ápice do julgamento é, sem dúvida, o momento em que um pen drive com a gravação de uma emblemática discussão do casal, feita por Samuel à revelia da esposa, vem à tona. Sob a escuta atenta e o olhar opaco de Daniel, desvela-se, mais uma vez, o ruído estrondoso de uma parceria amorosa – ruído: substantivo masculino. som ou conjunto de sons, frequentemente desagradáveis ao ouvido, causado por *queda, choque, pancada* etc.; barulho, estrondo, estrépito. A exposição da gravação se encerra com a estrépita queda de um copo.

A perplexidade dos presentes se estende a Daniel e abre um intervalo, temporalmente marcado no filme por um final de semana em que o julgamento é pausado. Na companhia de Marge (Jenny Beth), uma profissional indicada pelo judiciário, responsável por acolhê-lo e garantir sua suposta imparcialidade, o garoto passa o final de semana no chalé, ao passo que solicita o distanciamento da mãe naquele momento.

De forma impressionante, ao contrário do mito edípico e mesmo diante de uma cegueira factual, Daniel quer ver, ele não se furta de querer saber sobre o que possivelmente se passou, embora desemboque, mais uma vez, em um enigma sobre a verdade. Diametralmente opostos, o personagem do psiquiatra/psicanalista de Samuel vai ao tribunal apresentar provas contrárias a um possível suicídio e contrasta com a docilidade sensata de Marge que, diante da ausência de provas objetivas que incriminem Sandra, revela a dignidade ética de uma não resposta ao menino. Diante da dúvida, ela diz, é preciso escolher. Daniel, em um misto de angústia e irritação, lhe devolve: é preciso inventar uma certeza? Não, ela reitera, é preciso decidir, é diferente. Com Lacan, certamente apontaríamos: “A verdade tem uma estrutura, se podemos dizer, de ficção”⁵. Mais ainda... resta, ao final, a “miragem da verdade.”⁶

Se a psicanálise não se furta de incluir o mal-estar, é justamente porque “o mal-estar na cultura é um testemunho do fracasso da identificação significativa, da identificação simbólica, e do fracasso do amor fundado na identificação simbólica para resolver o problema do gozo.”⁷

5 LACAN, J. O Seminário, Livro 4: a relação de objeto. Rio de Janeiro: Zahar, 1995, p. 259.

6 LACAN, J. Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 567/569.

7 MILLER, J-A. Convergência e divergência. In: Opção Lacaniana online, n. 2, julho 2010, p. 16. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/Convergencia_e_divergencia.pdf>

“Anatomia de uma queda” faz jus ao(s) prêmio(s) de melhor roteiro, trata-se de um roteiro realmente original, maduro e que não se abre facilmente a concessões e encerramentos catárticos. Antes, guarda um ilegível. Resta o ponto opaco e indizível que toca o sexual e a morte.

Janaina de Paula Costa Veríssimo

:: Radar

Filme: Poor Things (Pobres Criaturas)

Ano de Lançamento: 2024

Diretor: Yorgos Lanthimos

“Toda sexualidade é praticamente amoral (Dr.
Godwin Baxter)

Não toda, senhor! (Max McCandless)”

“Poor Things” é uma experiência pulsante, perturbadora e, por isso mesmo, fascinante.

Fui surpreendida, durante a exibição do filme, pela saída pouco discreta de algumas pessoas da sala de cinema.

Não é uma película convencional, definitivamente. Mas os altos índices de sua bilheteria mundial revelam que muita gente pagou para ver, ainda que parcialmente.

Bella Baxter tem “sangue explorador”. Deseja ver o mundo.

Mas o seu corpo reserva um segredo que, a princípio, desconhece.

Acompanhamos a jornada aventureira de Bella rumo a exploração dos prazeres do corpo, do sexo, do álcool, da comida, da música...

Embora o telespectador tome conhecimento do experimento do qual Bella encarna, sua identidade, ou melhor dizendo, a identidade do seu corpo, permanece um mistério durante a maior parte do enredo.

Bella Baxter é uma invenção que transcende a fronteira entre criador e criatura, impedindo qualquer controle e “pureza” nas investigações pretendidas pelo excêntrico Dr. Godwin Braxter, um “homem da ciência” que visa se abster de todo e qualquer “sentimentalismo”.



Imagem: @poorthingsfilm (Instagram)

Até onde Bella, diante de sua ingênua destreza, é capaz de chegar? Qual será o seu destino diante do sofrimento, do mau cheiro, da fome, da ganância e da perversidade que se descortinam e reverberam em seu corpo?

Apesar da estética e da trilha sonora que impactam, em seu caráter vibrante e exagerado, é um filme de muitas sutilezas!

Uma experiência que enlaça o cômico, o bizarro, o trágico, o belo e o cínico.

“Eu me aventurei e só encontrei açúcar e violência. Encantador!” (Bella Baxter)

Andressa Luz

Livro: A cachorra

Autora: Pilar Quintana

Editora: Intrínseca (1ª edição: novembro/2020)

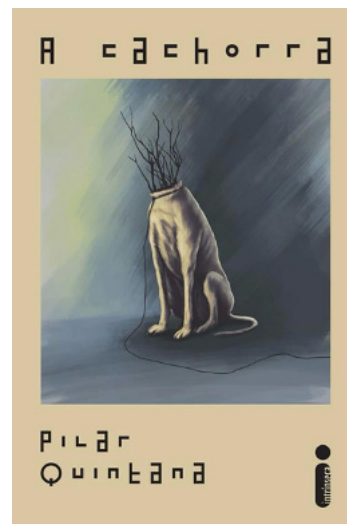
Num cenário de fronteira, um retrato da beleza e do perigo dos litorais da Colômbia transborda. Ondas arrebatam e embebem. Na selvageria da mata densa e escura, passos úmidos e abafadiços tentam escapar do deslize.

Feminino, maternidade e adoção se infiltram e embaralham.

Uma cachorra é tomada como filha, após seguidas frustrações de Damaris por não engravidar. Uma adoção no escuro, sem comunicação ao “pai” da cachorra, nem planejamento. Nas primeiras frustrações causadas pelos instintos caninos da sua animal, Damaris desliza e é embebida por seus próprios sentimentos, como substância que escorre, tal como “manchas de sangue que invadem os azuis dos seus olhos”.

Damaris se apega aos caprichos d’a cachorra. Sua demanda de amor, dirigida a um animal, não é recebida bem o suficiente para recuperar a substância investida e lhe retorna, envolvendo-a, como uma grande onda perigosa, que a deixa como partículas soltas da areia.

É neste clima de suspense que esta novela, escrita por Pilar Quintana, se desenrola.



Marcella Pereira de Oliveira

.: Agenda

Maio/Junho

CURSOS

Percurso de uma análise

Terças-feiras, das 20:30 às 22:00

Onde está a fala? Onde está a linguagem?

Datas: 14/05, 28/05 e 11/06

O universo do discurso

Datas: 07/05, 21/05, 04/06 e 18/06

Elucidação da clínica

Quintas-feiras das 20:30 às 22:00

O que leva alguém a procurar uma análise?

Datas: 02/05, 16/05, 06/06 e 20/06

O que são entradas em análise?

Datas: 09/05, 23/05, 13/06 e 27/06

Prática lacaniana

Sextas-feiras, das 10:00 às 12:30

Datas: 10/05, 24/05, 14/06, 28/06

Ensino de Lacan

Sábados, das 09:00 às 12:00

Datas: 11/05 e 08/06

Seminário de Pesquisa

Segundas-feiras, das 20:30 às 22:00

Datas: 13/05, 27/05, 10/06, 24/06

Gozar sem limites: qual a função do fantasma?

Datas: 03/05, 17/05, 07/06, 21/06

NÚCLEOS DE PESQUISA

Psicanálise, corpo e medicina

Quintas-feiras das 12:00 às 13:00

Datas: 02/05, 16/05, 30/05, 06/06 e 20/06

A prática lacaniana nos novos tempos e sua transmissão

Segundas-feiras, das 20:30 às 22:00

Datas: 06/05, 20/05, 03/06, 17/06

Psicanálise com crianças e adolescentes – Ciranda/SP

Quintas-feiras, das 11:30 às 13:00

Datas: 09/05, 23/05, 06/06 e 20/06

Psicanálise e toxicomania

Quartas-feiras, das 18:00 às 19:30

Datas: 08/05, 22/05, 05/06 e 26/06

Psicanálise e arte

Quintas-feiras, das 08:30 às 10:00

Datas: 09/05, 23/05, 06/06 e 20/06

Apresentação de pacientes e psicose

Sextas-feiras, das 14:00 às 15:30

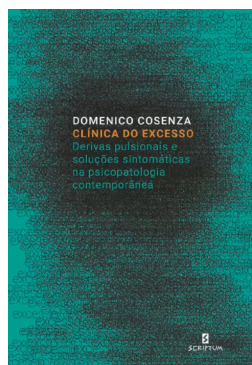
Datas: 10/05, 24/05, 14/06, 28/06

.: Biblioteca

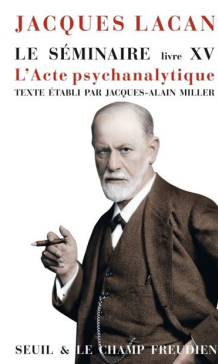
Novas aquisições da biblioteca:



Título: Os mortos-vivos e a psicanálise:
Dos zumbis aos arrebatados pela imagem
Autor: Henry kaufmannner
Editora: Scriptum

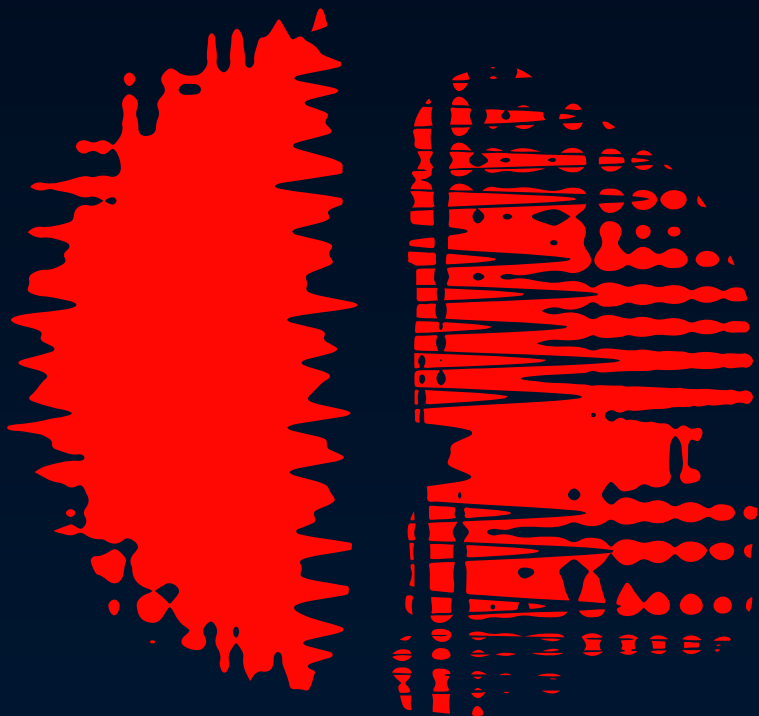


Título: clínica do excesso: Derivas pulsio-
nais e soluções sintomáticas na psicopa-
tologia contemporânea
Autor: Domenico Cosenza
Editora: Scriptum



Título: Le séminaire livre XV: L'Acte psy-
chanalytique
Autor: Jacques Lacan - texto estabelecido
por Jacques-Alain Miller
Editora: Seuil & Le Champ Freudien

XXV ENCONTRO BRASILEIRO DO CAMPO FREUDIANO



OS CORPOS APRISIONADOS PELO DISCURSO ... E SEUS RESTOS



Escola Brasileira
de Psicanálise

CONVIDADA INTERNACIONAL
CHRISTIANE ALBERTI
PRESIDENTE DA AMP

EVENTO PRESENCIAL
08, 09 e 10 Nov | 2024
WTC - AV. DAS NAÇÕES UNIDAS, 12.551 - SÃO PAULO, SP

Expediente:

Editor - Paula C. V. Caio de Carvalho (coordenação) - Equipe: Andressa C. Luz, Eduardo Vallejos, Fernanda Cristina Gomes de Carvalho, Francisco Durante e Silvana Sbravati

Conselho Editorial: Conselho Diretor do CLIN-a